

NOTAS SOBRE O TRABALHO DE ELIDA TESSLER

A MEMÓRIA DAS METAMORFOSES

Você constatará que Elida Tessler desenha com o metal, graças ao metal, com (em particular) fios de cobre, de latão, de ferro. Seus traços são de metal manipulado. E algumas de suas obras atuais continuam, por outros meios, por meios metálicos, os desenhos em grafite ou em carvão de 1988.

Nas suas obras atuais, o metal é imediatamente desenho. Depois, com o tempo, com paciência, ele vem a ser igualmente fonte da cor. Esta cor é de alguma forma, memória do metal: memória de seu brilho perdido, memória de sua integridade abolida, memória de suas degradações, de sua erosão, de suas metamorfoses.

No curso destas operações, a artista coloca, com certeza, em perigo estes materiais: metal, papel de seda, gaze. Ela coloca também perigo as concepções habituais de arte e do belo, mas é no intuito de manifestar outras formas. Como escreveu o pintor Jean Dubuffet: "É quando colocamos as coisas em extremo perigo que suas bondades se põem a cantar". Aqui, trata-se da "bondade" do ferro, do cobre, do papel frágil; da "bondade" da cor, do escorrimento, da ferrugem; da "bondade" dos fluidos; da "bondade" do desejo de pintar sem privar os materiais de sua liberdade. São estas múltiplas "bondades" que as obras de Elida Tessler querem fazer cantar.